

Sinal amarelo para os shows

» GABRIELA DE ALMEIDA

O parecer de nº 102/2012 emitido pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, após vistoria realizada em 24 de janeiro, no Ginásio Nilson Nelson, acende uma luz amarela para as grandes produções realizadas no espaço. O local hoje é palco dos principais shows nacionais e internacionais de grande porte que vêm a Brasília. Passaram por lá nomes como Iron Maiden, Sade, Scorpions, Roberto Carlos e Paula Fernandes. O da cantora sertaneja, em julho de 2011, reuniu público de cerca de 16 mil pessoas, segundo números enviados pela produção. O Corpo de Bombeiros contabilizou 4 mil a mais. No entanto, após o novo parecer, esse número será coisa do passado.

De acordo com as novas especificações, o Ginásio Nilson Nelson só poderá receber um público de, no máximo, 14.666 pessoas, somando toda a área superior e a inferior. A quadra central, onde geralmente concentram-se as "pistas" e "áreas VIPs" dos shows, será a mais afetada. Em dias de casa cheia, o espaço já recebeu mais de 7 mil pessoas. A partir de agora, só será permitido um público de 3.618 pessoas na quadra, isso se a área das cadeiras inferiores estiver liberada para livre circulação entre os espaços. O número também pode diminuir de acordo com a estrutura de cada evento.

Para o produtor Marcelo Piano, o parecer é um retrocesso. "Respeito a decisão do Corpo de Bombeiros, mas acho que é um equívoco. Você sair de 7 mil para 3 mil é uma diferença muito grande, menos da metade", calcula o produtor, que argumenta com a possibilidade de um prejuízo para a cena cultural brasiliense.

O Corpo de Bombeiros defende o parecer e alerta sobre os perigos pelos quais o público fica exposto com o ginásio muito lotado. "Houve uma adequação, pois o ginásio foi concebido para eventos esportivos. A quadra foi pensada para reunir, no máximo, 80 atletas, dependendo da modalidade. Nos-

» O parecer

- » As modificações deverão ser feitas para que o público máximo permitido na quadra seja de 3.618 pessoas, sem considerar a montagem de estruturas;
- » As cadeiras numeradas no anel inferior tiveram sua capacidade reduzida de 3.641 pessoas para aproximadamente 3.220;
- » O túnel central não pode ser obstruído por qualquer estrutura montada, devendo possuir condições de acessibilidade e rota de fuga;
- » O público previsto para a quadra central deverá ser dimensionado de forma que não haja divisões (gradeamentos) que impeçam seu acesso às saídas de emergência. A capacidade do público nessa área depende da estrutura montada;
- » O anel superior (arquibancada) tem público máximo fixo pela quantidade de assentos em 7.828 pessoas;
- » O total de público permitido em todo o Ginásio é de 14.666 pessoas.

sa preocupação maior é com a evacuação do público, caso ocorra um acidente grande", explica o coronel Rogério Santos Soares, diretor de Vistorias do Corpo de Bombeiros.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Esporte, responsável pela manutenção do ginásio, informou que as determinações do parecer já estão valendo. As recomendações relacionadas a pequenas reformas e a retiradas de cadeiras já foram providenciadas e, segundo a secretária, tudo estará de acordo com as normas até o fim do mês.

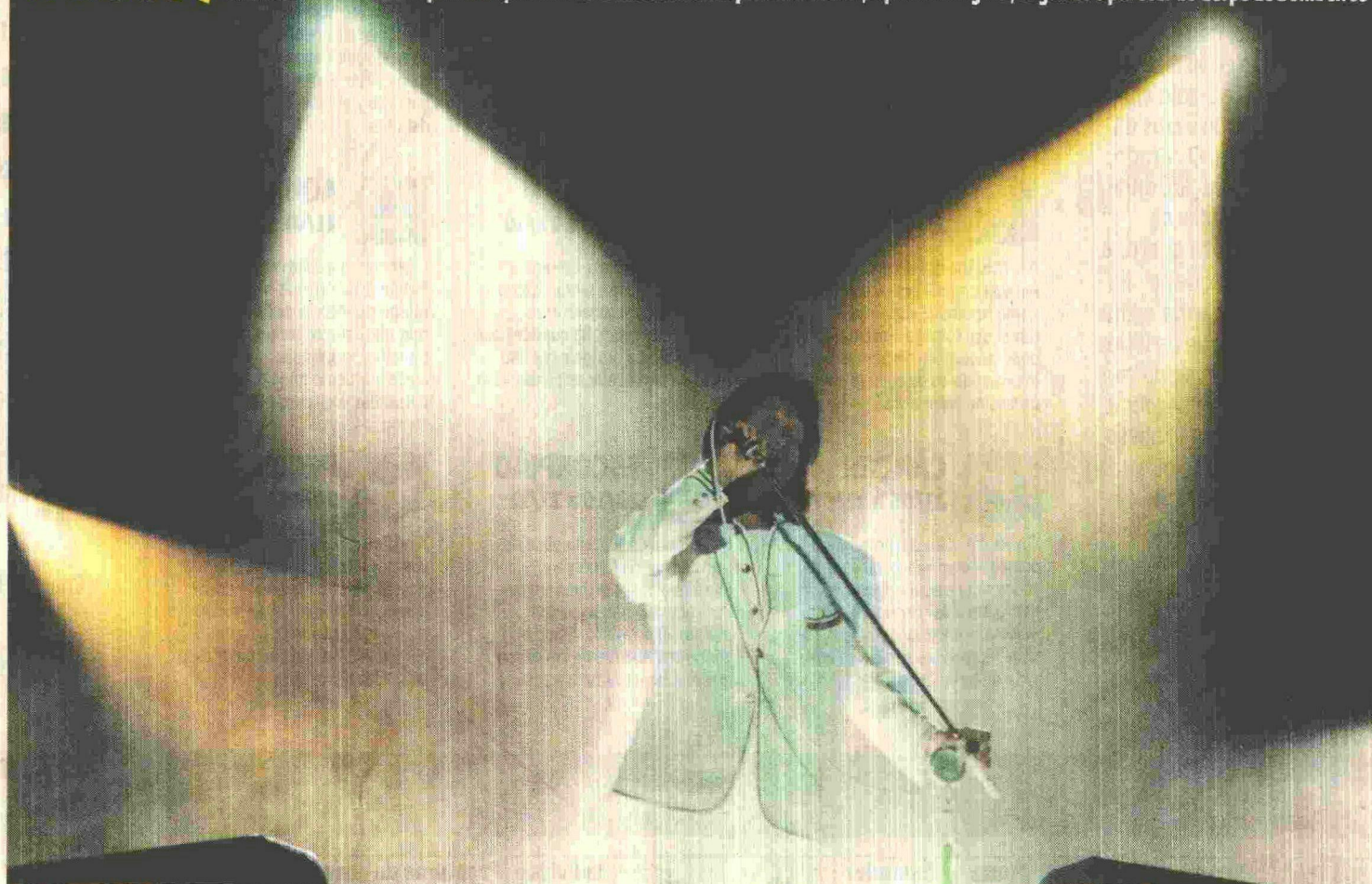
Problema

Com a falta de um local cons-

16 MIL /
14.666 /

Público que compareceu no show da cantora sertaneja Paula Fernandes, em junho de 2011

Quantidade máxima de pessoas que o Ginásio Nilson Nelson poderá receber, a partir de agora, segundo o parecer do Corpo de Bombeiros



O cantor Roberto Carlos foi um dos que arrastou 15 mil pessoas ao Ginásio Nilson Nelson: restrições podem inviabilizar megaproduções

» Saiba mais

Centro poliesportivo

Inaugurado em 21 de abril de 1973, o Ginásio Nilson Nelson foi construído para ser um centro poliesportivo. Em 1991, após uma forte tempestade, o teto desabou. Depois do acidente, o espaço foi reformado e, em 2008,

ganhou mais uma reforma, desta vez para sediar o Campeonato Mundial de Futsal. O nome do ginásio é uma homenagem ao cronista esportivo gaúcho, que morou na cidade e morreu em 1987.

grandes espetáculos, Marcelo Piano observa que existe um comportamento nômade nos produtores da cidade. Segundo ele, não há um espaço totalmente adequado para os shows e

todos os existentes precisam ser adaptados, o que inviabiliza muitas produções. "No estacionamento do Estádio Mané Garrincha, por exemplo, temos que montar uma estrutura do zero.

Gasta-se pelo menos 1 milhão de reais para obter uma montagem decente. No Pavilhão do Parque, recentemente, gastamos muito para cobrir parte do teto em um show, pois havia vazamento. Com isso, a conta final não bateu. Nós temos que nos adequar o tempo inteiro", lamenta Piano.

O coronel Rogério Santos Soares concorda que o problema é a falta de um local adequado. "Brasília entrou no circuito internacional de shows e não tem uma casa específica para eventos de grande porte. Isso é ruim para a cidade", salientou o coronel. Marcelo Piano vai além: "Brasília urge por um local que atenda as necessidades do público. Não existe um lugar

completo com acesso adequado, gerador, som, iluminação, ar-condicionado. O público precisa ser respeitado".

Gustavo Sá, produtor do festival Porão do Rock, acredita que a falta de incentivos, como a isenção de impostos, atrapalha a construção de um novo local por parte dos produtores. "O fato é que Brasília não tem espaço nenhum para eventos. O Centro de Convenções Ulysses Guimarães não foi feito para shows, mas recebe apresentações de um determinado perfil de artistas. O governo tinha que dar um incentivo que despertasse na iniciativa privada o interesse em investir em um local próprio para os eventos", analisa Gustavo.